

Sorte e azar nas apostas de FHC

PRESIDENTE MOSTRA MAIS UMA VEZ SUA VOCAÇÃO DE JOGADOR OUSADO

MARCO ANTONIO ROCHA

Não tem importância. A gente estava mesmo com saudade do dólar forte. O comentário é de um popular, na banca de jornal da Praça Pan-Americana, no Alto de Pinheiros, em São Paulo. Além da costumeira dose de ironia, sabedoria e resignação que caracteriza nossa cultura popular, contém uma assertiva e uma espécie de prognóstico.

O prognóstico é ominoso, pois sua efetivação significaria que o dólar voltaria a ser a principal moeda "brasileira", como já foi no passado, pois os fatos recentes do mercado financeiro internacional indicam que é muito difícil uma desvalorização controlada. Pequenas desvalorizações, como já se viu em outros países, vão crescendo e robustecendo-se para desembocar em grandes desvalorizações. Tudo depende da sorte ou do azar do governo de plantão.

Isso conduz a uma conclusão que andei tirando: tudo indica que FHC é um jogador ousado, o que me surpreende, pois é fenômeno raro numa formação intelectual e acadêmica. Mas o fato é que sua vocação para testar a sorte em apostas vem-se revelando em diversos episódios.

A lista de episódios começou antes de FHC tornar-se ministro da Fazenda. Ele aceitou o convite de Itamar a despeito da alta mortalidade política que o cargo registrava sob o irrequieto presidente. Logo a seguir, nova aposta, a URV. Apostou no taco dos formuladores do velho projeto "Larida" (Pérsio Arida e André La-

ra Resende), segundo o qual uma moeda escritural de valor constante desativaria a memória inflacionária.

Poderia dar certo ou poderia dar errado. Pérsio e André achavam que a possibilidade de dar certo aumentaria muito se a URV permanecesse em vigor durante um ano pelo menos. Só que FHC pensava em ser candidato e eleger-se presidente, é claro que sem declarar isso com todas as letras. De modo que surgiu mais uma aposta: encurtou a vigência da

URV para quatro meses.

Ganhou a aposta. O Real foi lançado sob risco e sobrevalorizado, ou seja, numa subaposta da aposta principal. Por sorte,

consolidou-se e FHC elegeu-se.

Mal tem início o primeiro mandato e o gosto pelo jogo arriscado faz nova cosquinha. Por meio do fiel escudeiro Sérgio Motta, lança a tese da reeleição presidencial. E pior: sem especificar que seria somente para o sucessor de FHC. Essa ele vai perder, garantiram os de pouca fé. Acabou ganhando, com um custo que exigiria mais uma grande aposta: ou seja, adiar as reformas estruturais e o ajuste fiscal até que a tese da reeleição ganhasse espaço, confiando em que o crescente déficit em transações correntes continuaria a ser financiado pelos então confiantes parceiros internacionais do Brasil.

Lembremos que essa aposta o próprio FHC confessou em antiga entrevista para este jornal, quando, ao reconhecer o risco daquele déficit, afirmou que somente uma grande crise financeira internacional pode-

ria transformá-lo em ameaça séria. A aposta foi sendo ganha durante bom tempo.

No início de 1995, o azar começou a mostrar os dentes com a crise do México e o "efeito tequila". Mas nada de o Brasil corrigir o câmbio. A aposta foi: pé no freio da economia e alta de juros. Empatou. A crise cambial foi evitada, mas a dívida interna começou seu processo de explosão.

Em 1997, com a situação financeira tornando-se insustentável, a crise da Ásia demandou mais uma aposta: nova alta dos juros e o pacote-51, de ajuste fiscal, afinal. Mas a campanha para a reeleição requereu uma subaposta: evitar ao máximo os cortes de dispêndios do pacote-51 e cobrar os aumentos de impostos nele previstos, na velha fórmula de buscar equilíbrio financeiro por meio de mais receita e não menos despesa.

Só que o azar não deu tréguas. A crise da Rússia somou-se ao passivo interno de omissões, leniência e complacência com o déficit público para obrigar o País a pedir socorro. Aí, um pouquinho da sorte remanescente fez com a que comunidade financeira internacional, agora já no próprio interesse, nos ajudasse a enfrentar o azar - a um preço que limitou estreitamente o espaço de apostas. FHC teve de conformar-se, no início de seu segundo mandato, a ser uma espécie de gerente dos compromissos firmados, o que exacerbou os ânimos de opositores, empresários, sindicalistas, etc. - enfim, dos "habituais suspeitos", como dizia no filme *Casablanca* o chefe de polícia francês.

O trato parecia funcionar a contento quando surgiu, como raio em céu de brigadeiro, o "efeito Itamar". Este é como o "saci-pererê das histórias de

Monteiro Lobato, que ficava brincando de passar a brasi-nha de acender seu cachimbo através dos furos das suas mãozinhas enquanto arquiteta-va a próxima artimanha. Ou, como o caipora, com seus pés arrevesados, que assombrava viajantes em estradas desertas nas noites de lua cheia.

No limitado espaço que restou, chegamos, nesta semana, à mais recente aposta: de que a minidesvalorização efetivada pelo governo será mesmo "mini" e os especuladores internacionais não tentarão transformá-la em "máxi", como já fizeram em outras plagas. Como é previsível que eles tentem ganhar mais dinheiro com novos ataques especulativos, apostando contra FHC e contra o Brasil, até o presidente dos EUA, Bill Clinton, resolveu cacifar a aposta brasileira. Nunca o Brasil ocupou tanto espaço numa entrevista coletiva de presidente americano, conforme a CNN mostrou. Atuando quase como porta-voz de FHC, além de dar seu aval pessoal à nossa aposta, proclamou o apoio dos EUA aos esforços do Brasil e ainda ecoou a exortação de FHC, para que os bancos internacionais mantenham a confiança no País e renovem nossos créditos, não deixando de mencionar, porém, que o Brasil precisa cumprir sua parte no acordo.

É esse o resíduo de sorte de que dispõe ainda o Brasil, seu grande presidente-apostador e, agora, o Chico Lopes, sereníssimo novo piloto do Banco Central. Durante a próxima semana, saberemos de que tamanho é o resíduo e se o azar já saiu das nossas costas.

■ Marco Antonio Rocha é jornalista e sócio da XYZ Comunicação
e-mail: marocha@tecepe.com.br

Última aposta é se especuladores mundiais acreditarão que a 'mini' continuará sendo 'mini'